

FACULDADE DEHONIANA

CURSO DE FILOSOFIA

Monografia

**FILOSOFIA DA MENTE: DUALISMO
E EXPERIÊNCIAS DE QUASE MORTE.**

Aluno: Antonio Mario Giulianetti C. de Moura

Professor: Prof. Dr. Maurício Martins Alves

Taubaté – 2012

FACULDADE DEHONIANA
CURSO DE FILOSOFIA

**Filosofia da Mente: Dualismo
e Experiências de Quase Morte.**

**Monografia apresentada como um dos requisitos
para conclusão do curso de Filosofia da
Faculdade Dehoniana de Taubaté.**

Orientador: Prof. Dr. Maurício Martins Alves.

Taubaté – 2012

MOURA, Antonio Mario Giulianetti Cursino. Uma monografia de, sobre Filosofia da Mente e as Experiências de Quase Morte. 2012. 42f. Monografia (Graduação em Filosofia) Faculdade Dehoniana, Taubaté – São Paulo.

Banca examinadora:

Prof. _____, Fac. Dehoniana, Presidente _____

Prof. _____, Fac. Dehoniana, Orientador _____

Prof. _____, Fac. Dehoniana, _____

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processo fotográfico ou eletrônico.

Antonio Mario Giulianetti Cursino de Moura

20.11.2012.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise da relação entre filosofia da mente e experiências de quase morte (EQM), confrontando visões monistas e dualistas. O foco da análise está voltado à possibilidade de realidade das EQM's, que apontam para uma sobrevivência da consciência humana ao final da vida; não tem a intenção de ter uma visão espiritualista do assunto, mas apenas determinar se há possibilidade de realidade nestas experiências e de fazer o contraponto com a visão da ciência sobre elas, discutindo se o dualismo tem consistência como teoria ou já é um pensamento superado. Concluímos pela verdade do dualismo, pela impossibilidade de , até o presente, a ciência refutar tal teoria.

Palavras chave: filosofia da mente, experiências de quase morte, dualismo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between mind philosophy and near-death experiences (NDE), confronting monists and dualists visions. The focus of the analysis is focused on the possibility of the reality of NDE's, which points to a survival of human consciousness at the end of life; it has no intention of having a spiritualist view of the matter, only whether there is a possibility of science about them, arguing whether the dualism has consistency as theory or it is an overcome thought. We concluded that the truth of dualism, despite the impossibility, until the present, of science to refute that theory.

Key words: Mind philosophy, Near-death experience, dualism.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à “LUZ”,

Porque é como se manifesta nas Experiências de Quase Morte,

E em LUZ, e AMOR, nos desvela o objetivo da vida.

É Dela que este tinha a intenção de falar, mas só pode dizer de seus reflexos.

Foi o máximo possível, mas o objetivo era a “LUZ”.

A Ela dedico este privilégio.

Que Ela nos seja.

Deus é puro amor, é energia e por ser energia, não morre, não desaparece, é imortal e está em todos os lugares. E como somos a imagem e semelhança de Deus, sabemos que somos energia e hoje podemos provar isso. Somos seres espirituais e não seres feitos de matéria.

Acreditavam que o átomo era feito de matéria. Depois descobriram que na verdade a maior parte de um átomo é vácuo, é feito de apenas energia condensada, não é matéria.

Então, em nível microscópico, nada é matéria, tudo é vibração, tudo é energia condensada. Vivemos em um universo de vibração e nossos corpos são feitos a partir da vibração da energia que emanamos constantemente.

“Awakenning to zero Point” Gregg Braden.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me foram essenciais para que eu conseguisse chegar até aqui.

Aos que me são exemplos de apoio, dedicação e amor, em especial minha esposa e meus pais.

Aos meus mestres e educadores, que me são fonte de conhecimentos e dedicação, em especial o meu orientador Professor Dr. Maurício Martins Alves.

Aos companheiros de jornada que compartilharam este exercício de convivência, aprendizado, tolerância e humildade.

A todos, meu muito obrigado e que Deus os ilumine e os acompanhe nesta senda de possibilidades que é existência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 - O CONCEITO DE VERDADE PARA A CIÊNCIA.....	3
2 - DA FILOSOFIA DA MENTE	6
3 - SERÁ A EQM REAL OU APENAS UMA ALUCINAÇÃO?.....	13
3.1 - Questões e depoimentos	17
4 - REFLEXÕES SOBRE FILOSOFIA DA MENTE E EQM'S.	22
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS:.....	40
Anexo 1 – DVD de depoimento	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete sobre as “Experiências de quase morte”, também denominadas “EQM’s”, como instrumento para posicionar-se sobre a relação entre corpo e mente. Em particular, procuramos no presente trabalho fazer uma reflexão sobre o quanto as “EQM’s” permitem questionamentos sobre a corrente de pensamento monista, que afirma ser corpo e mente uma só substância e à corrente de pensamento dualista, que afirma ser corpo e mente duas substâncias distintas. Defendemos uma leitura favorável à visão dualista (a qual será mais bem defendida no capítulo quarto).

Iniciamos a reflexão dedicando um capítulo à questão do conceito de verdade dentro da ciência, porque, a nosso ver, este é um princípio relevante em relação ao mundo que nos cerca, as bases sobre as quais assentamos as nossas convicções e que têm sempre influências sobre nossa maneira de ser. Este capítulo inicial tem a intenção de questionar a leitura redutora da existência ao meramente sensível. Defende-se, ainda, que nosso conhecimento científico de mundo produz um conceito de verdade sempre provisório.

Pontuada a questão sobre a provisoriedade da verdade na ciência, passamos, no capítulo 2, a uma leitura sobre a filosofia da mente, mostrando os pensamentos possíveis aceitos pela ciência moderna. Procuramos, ainda, de uma maneira resumida, colocar as principais correntes de pensamento existentes no campo da filosofia da mente, que se alinham ao monismo e ao dualismo.

Colocadas as bases filosóficas existentes no campo da filosofia da mente, fazemos no capítulo 3 uma reflexão sobre o que são os episódios de “EQM’s”, quais as interpretações que lhes podem ser dadas, e desenvolvemos o capítulo com relato de três casos, escolhidos de maneira pontual dentre a gama de relatos possíveis, com situações específicas a corroborarem a provável possibilidade de veracidade dos mesmos.

Munidos então destas informações dos capítulos precedentes, procedemos no capítulo quatro à análise entre filosofia da mente e EQM, procurando conectar as reflexões feitas nos capítulos anteriores. Embora se tenha procurado fazer uma análise sob a ótica meramente do fenômeno, vimos presente elementos de uma visão espiritualista, que acredita existir na realidade do mundo físico algo mais do que aquilo que podemos perceber pelos nossos sentidos. Estas experiências de EQM apontam para a superação da limitação empirista

da ciência. Concluimos que as experiências de EQM SÃO UMA VIA PARA DEMONSTRAR A SOBREVIVÊNCIA DA CONSCIÊNCIA À MORTE.

Assumimos, assim, como ponto de partida, uma leitura mais próxima do dualismo, apesar de reconhecermos a impossibilidade de um posicionamento definitivo, que determine se está correta a postura monista ou a dualista, pois não é possível ainda, provar qual é a posição correta. O mais próximo que conseguimos chegar é produzir ilações e perceber incoerências. Esta incapacidade de explicação, em nível físico, leva-nos a inferir que provavelmente haja nestas ocorrências algo mais do que a mera dimensão do sensível.

Procuraremos fazer esta análise sem nos remetermos diretamente ao campo espiritualista, pois este pertence à dimensão da crença ou da fé. Fica, porém, patente, e aqui destacamos a difícil missão de explicitar no meio físico o imaterial.

1 - O CONCEITO DE VERDADE PARA A CIÊNCIA

Como referido na introdução, gostaríamos de refletir aqui a respeito daquilo que a ciência atual infere como sendo seu conceito de verdade científica. Qual é o conceito de verdade para a ciência?

Dentre as diversas versões que encontramos sobre o conceito de verdade na ciência, destacaremos a de Karl Raimund Popper. Para Popper, toda teoria científica é provisória e só é científica na medida em que não possa ser refutada. Devemos testar empiricamente consequências deduzidas da teoria, buscando derrubar estas previsões (falseabilidade). Permanecendo a teoria sem ser refutada, assumimos esta como corroborada, temos esta como verdadeira, até o momento em que novos testes a refutem (POPPER, 1982, p. 66). Destacamos a conotação de transitoriedade da verdade científica: a condição para sua aceitabilidade é a presença constante da possibilidade de refutação, a ser confrontada com a realidade. É verdadeira hoje, provavelmente no futuro, mas, com o acréscimo de conhecimentos, sofrerá modificações ou mesmo será abolida como uma ideia ultrapassada ou equivocada.

Embora Karl Popper dê grande ênfase ao teste empírico, reconhece a importância de outras áreas de saber como uma grande fonte de elaboração de hipóteses e especulação, que podem contribuir para a elaboração de teorias e descobertas científicas posteriores (POPPER, 1982, p. 58). A valorização de elementos não racionais amplia-se em outros autores, e aqui destacamos a posição de Thomas Samuel Kuhn. Na visão de Kuhn, a ciência e a verdade científica fazem parte de um fenômeno histórico e só podem ser entendidas levando-se em consideração este aspecto (KUHN, 2010, p. 24).

Segundo Kuhn, as verdades científicas estão baseadas em proposições de fundo sócio-político, uma vez que estão sempre fundeadas em paradigmas, que são conhecimentos teóricos aceitos pela quase totalidade da comunidade científica, tem verdade de aceitação e de solução dos problemas vigentes, mas em sua constituição sofrem interferências de ordem social, filosófica, religiosa, econômica, etc.

De acordo com Kuhn, para se entender uma verdade científica estabelecida é preciso ter uma visão holística da elaboração de seu contexto; ela também é transitória, pois seu enunciado ou sua ideia com o tempo podem não responder mais às soluções dos problemas que se apresentem, sendo então necessário o estabelecimento de um novo paradigma, que

satisfaça à nova situação do momento, sendo um processo que ocorre na dimensão do histórico e é geralmente moroso (KUHN, 2010, p.190-191).

Afinal, no decorrer da história da humanidade, quantas verdades já foram aceitas como inquestionáveis e hoje estão ultrapassadas?

A ciência afirma que o homem é um ser racional, *homo sapiens sapiens*, mas olhando o seu trajeto histórico, vislumbramos muito mais uma criatura emocional que racional, visão que tentaremos demonstrar abaixo.

O conceito da racionalidade humana tem como um dos marcos na ciência, a pessoa de Descartes, que fundou o princípio da dúvida, “de tudo devo duvidar”, princípio este, constante de sua obra ”O Tratado sobre o mundo e sobre o homem”, publicada apenas parcialmente, visto a condenação de Galileu por causa da tese copernicana, da qual ele compartilhava, e em cuja tese Nicolau Copérnico afirmava que o Sol era o centro do universo e não a terra, como se pensava, e que a terra e os outros planetas conhecidos é que giravam em torno deste.

A tese de Nicolau Copérnico, do século XV, trincou o alicerce de crenças que sustentava o mundo ocidental até então, e quebrou o paradigma. O nascimento desta descoberta foi um parto muito difícil e dolorido para os detentores da verdade daquela época. Nicolau Copérnico, embora tivesse terminado seus estudos em 1532 com a denominação de “*De revolutionibus orbium coelestium*”, só publicou um resumo desta com o nome “*Narratio prima*” em 1540, a pedido de Georg J. Lauschen um estudioso amigo. Posteriormente publicou a obra completa em 1543, ano em que veio a falecer (REALE; ANTISERI. 2004, p. 166-168). Descartes expusera em seu trabalho esta tese da qual compartilhava.

Giordano Bruno já havia sido executado na fogueira, de maneira que Descartes decidiu trazer a público apenas parte de seus estudos, a qual publicou como o “Discurso sobre o Método”, que se tornou a carta magna da nova filosofia e também o princípio da ciência (REALE e ANTISERI, 2004, p. 284-285).

O “Discurso sobre o Método” foi um divisor de águas para o avanço da ciência, pois a proveu de um método de pesquisa, mas ao mesmo tempo determinou a maneira de raciocinar sobre as coisas no mundo de hoje. Com o surgimento de uma nova concepção de ciência, que busca a validação do conhecimento através do teste empírico, se aceita hoje que só vale o que pode ser provado cientificamente e racionalmente entendido.

Este processo de fundamentação da verdade, imposto pela ciência moderna, foi de uma eficiência sem precedentes e balizou todo o desenvolvimento do mundo subsequente. Aprendemos então a raciocinar sobre qualquer problema, sempre o segmentando das partes mais simples às mais complexas. Este sistema é bastante confiável, porém sobre aquilo de que não conseguimos manter controle, ou obter resultados esperados e consistentes, o ideal é que não nos pronunciemos como ciência. Teorias só são relevantes se puderem ser demonstradas, ao passarem pelo crivo da comunidade científica.

A verdade científica, enquanto um produto humano, está marcada pelo caráter do provisório. Ela sempre se submete a uma possível atualização. Desse modo, o que ontem pensávamos ser verdade, hoje já não vemos mais como tal – e, por continuidade, nada garante que o que hoje consideramos verdade permaneça como sendo no futuro.

Apenas para ilustrar como nossa visão de mundo é marcada temporalmente, pensemos sobre nossa posição no universo, que possui trilhões de estrelas. Nós estamos num sistema de uma estrela de quinta grandeza, num planeta muito pequeno em relação ao tamanho do Sol e de outros planetas de nosso sistema solar e acreditamos sermos as únicas criaturas racionais do universo e as mais importantes, e ainda alguns acreditam que o Ser que criou 100 bilhões de galáxias, que podem ser vistas por nossos aparelhos científicos de hoje, fez tudo isto só para nós (CORTELLA, 2009, p. 26).

Até o momento, a ciência ratifica esta posição de que somos os únicos no universo. Não fica patente por este raciocínio o quão somos centrados em nosso próprio umbigo? Pelo exposto, fica claro que a verdade está muito relacionada com a forma que encontramos para explicar o mundo em que vivemos, do qual não nos é possível dar conta plenamente.

Esta limitação em entender o mundo expande-se para os mais diversos campos de pesquisa. Neste contexto, faremos no capítulo seguinte uma incursão pelo campo da filosofia da mente, no intuito de mostrar diferentes teorias explicativas sobre a relação corpo-mente, no que toca aos princípios básicos, para termos elementos a fim de podermos fazer intersecções entre esta e as EQM's nos capítulos posteriores.

2 - DA FILOSOFIA DA MENTE

Apresentaremos neste capítulo a oposição “Monismo” (cérebro e mente é uma só coisa) x “Dualismo” (cérebro e mente são duas substâncias separadas e irreconciliáveis, a mente é imaterial e individual e o cérebro é material e físico). Ao fazermos estas colocações, prescindimos da análise se, na visão dualista, temos corpo e alma separados (como quer Platão) ou unidos (como quer a leitura psicossomática). Importa dar elementos para, no capítulo terceiro, fazermos a aproximação com as EQM’s, defendendo uma leitura favorável à visão dualista (que melhor será defendida no capítulo quarto). (poderia ter textualizado melhor os conceitos de monismo e dualismo, explicitando autores dessas teorias).

Etimologicamente o termo “mente” tem origem latina ‘mentem’ e significa pensar, conhecer, entender e até mesmo medir, uma vez que o fato de pensar sobre determinada ideia não deixa de ser uma aferição. Seu termo correlato em grego é ‘nous’ e significa a mente, a razão, o pensamento, a intuição (Wikipédia, a enciclopédia livre – Mente)- usar referência confiável, por exemplo, o dicionário de filosofia de **ABBAGNANO**).

No contexto atual, mente é um termo que embora tenha uma conotação de uma entidade pessoal “a mente de alguém”, infere uma gama de habilidades intelectuais que compõem a personalidade de um ser, a qual envolve os conceitos de interpretação, imaginação, linguagem, sentidos, pensamentos, inteligência, razão, memória, etc.

É um termo tão abrangente e complexo, que até hoje não conseguimos dar uma definição unânime, que o defina com precisão. Aliás, não chegamos nem mesmo a um acordo sobre a sua existência real, ou se ela é produto do funcionamento de nosso cérebro como um todo. E nem poderíamos mesmo, pois do nosso próprio cérebro ainda pouco sabemos, apesar de, nos últimos 50 anos, termos feito significativos esforços e avanços no intuito de tentarmos entender essa máquina que nos governa.

Somos culturalmente educados para sermos dualistas em nossa concepção de constituição humana, acreditando que temos uma mente independente de nosso corpo: o cérebro é uma máquina biológica e nós somos uma entidade à parte independente de seu funcionamento.

Mas este é o contexto cultural do senso comum, porque o contexto científico, principalmente a partir do século passado, tende a acreditar, e não poderia ser de outra maneira, que toda a nossa mente é produto de nosso cérebro e que, embora ainda não

possamos provar este fato, a ciência ou a neurociência, com o seu desenvolvimento poderá, com o tempo, identificar os níveis neurais que são a sede do pensamento, das emoções e da razão.

Para uma ciência, que tem sua origem no método cartesiano, que também foi corroborada na evolução das espécies de Darwin, que só tem esta explicação racional/científica para ilustrar a razão de estarmos aqui e como aqui chegamos, não poderia haver outro raciocínio lógico, a não ser a de que o cérebro e a mente são a mesma coisa.

A questão corpo/mente teve sua origem com o filósofo Platão (428 – 348 a.C.). René Descartes (1596 – 1650) de uma maneira mais racional a ratificou e resgatou esta questão à pauta da filosofia e da ciência moderna, mas foi somente por volta de 1950 que a questão corpo/mente tomou forma como uma linha de estudos da filosofia da mente, não só do ponto de vista humano, pois nesta época começaram a se desenvolver os sistemas computacionais que em vez de ajudar na tarefa de esclarecer a questão, acrescentou mais um complicador com a inteligência artificial, segundo Teixeira (2011):

A mente deixou de ser algo exclusivo dos seres humanos. Desde a década de 1940 passamos a atribuir mentes e inteligência a máquinas e outros dispositivos artificiais. Desenvolveu-se uma ‘tecnologia do mental’, da qual resultou uma aproximação crescente entre psicologia, ciência da computação e a engenharia. Desse projeto interdisciplinar surgiu a Inteligência Artificial e, posteriormente, a Ciência Cognitiva. A Inteligência Artificial teve um triunfo efêmero na década de 1970, o qual, entretanto foi suficiente para mostrar que muitas atividades consideradas exclusivas dos seres humanos, como por exemplo, jogar xadrez, fazer cálculos de engenharia, etc. poderiam ser feitas por computadores bem programados. A replicação tecnológica da inteligência e das atividades mentais vem tendo consequências profundas sobre o modo como concebemos a relação entre mente e cérebro. Ela sugere que aquilo que chamamos de ‘mente’ talvez não seja mais do que um tipo específico de arranjo material, feito a partir de peças de silício (TEIXEIRA, 2011, p. 11).

A partir daí, quando começaram a aparecer os sistemas informatizados, passou-se a questionar a necessidade de novos parâmetros para entendimento dos conceitos de mente, inteligência e consciência, uma vez que novas tecnologias questionavam os conceitos existentes.

A filosofia da mente e a ciência tem se conversado e prospeccionado, cada uma em seu campo de atuação, a respeito destes assuntos. Pelo lado filosófico, com sua autonomia de prospecção e especulação, temos duas correntes dominantes, o monismo e o dualismo. x Teixeira (2008, p. 22) diz que a neurociência tem defendido cada vez mais o monismo materialista como resposta à questão da relação cérebro/mente:

O materialismo é a grande moda da filosofia da mente dos séculos XX e XXI. Sua ideia básica é que toda a nossa vida mental nada mais seria do que uma grande variação dos

estados químicos e físicos de nosso cérebro. Para o materialista, a angústia existencial não é um problema filosófico, mas algo que melhora com medicamentos antidepressivos, como por exemplo, a fluoxetina.

Embora a Filosofia da Mente, por seu caráter interdisciplinar abarque assuntos como investigação científica, reflexão filosófica, engenharia da robótica, e seja um campo privilegiado para especulações destes assuntos, vamos tratar aqui, apenas de aspectos que estejam mais relacionados com o assunto que estamos examinando. Assim, as duas linhas de pensamento mais relevantes para o assunto são o dualismo e o monismo.

Um exame preliminar de como a relação entre mente e cérebro poderia ser concebida parece forçar-nos a optar por dois tipos de alternativas básicas: ou bem estados mentais (e estados subjetivos) são apenas uma variação ou um tipo especial de estado físico (monismo) ou bem estado mental e subjetivo definem um domínio completamente diferente – e talvez à parte – daquele dos fenômenos físicos (dualismo). Essas duas alternativas são apenas a transcrição das apostas que podemos fazer, seja em favor de uma imagem do mundo ou de outra. A primeira sugere que existam apenas cérebros e que estados subjetivos podem ser apenas a ilusão a ser desfeita pela ciência. A segunda aposta na existência de algo que chamamos de ‘mentes’ que, para alguns, só poderia ser explicado pela religião ou pela adoção de uma visão mística do mundo. (TEIXEIRA, 2011, p.17)

O “dualismo” acredita que cérebro e mente são duas substâncias separadas e irreconciliáveis (TEIXEIRA, 2011, p. 23). A mente é imaterial e individual e o cérebro é material e físico e por sua base biológica pode ser dividido e estudado. A mente produz “estados subjetivos” que são “estados mentais” e que somente o próprio indivíduo pode saber, sentir e observar. O corpo produz “estados cerebrais” que são apenas físicos, para os quais já temos tecnologias para observá-los sob determinadas condições. Este comanda o sistema físico, que serve de abrigo temporário para a mente. Há uma relação entre mente e corpo, pois ambos podem se influenciar, uma vez que uma lesão no cérebro poderá afetar a mente e um distúrbio mental poderá afetar o físico.

Ainda sobre o pensamento dualista, encontramos duas linhas de raciocínio, o “dualismo de propriedades” e o “dualismo substancial”. O “dualismo de propriedades” (TEIXEIRA, 2011, p. 91) se caracteriza por acreditar que a resultante de alterações físicas no cérebro são alterações da mente e que há alguma conexão causal entre cérebro/mente. A descrição física do mundo não consegue responder a muitas indagações da natureza. Já o “dualismo de substância” (TEIXEIRA, 2011, p. 89) se caracteriza por defender que existem duas substâncias distintas e incompatíveis, uma é mental e imaterial e a outra é física e material.

Do dualismo substancial temos duas vertentes, o “Cartesianismo” (René Descartes 1596 – 1650) e o “Paralelismo” (Baruch Spinoza 1632 – 1677).

O “Cartesianismo” (TEIXEIRA, 2011, p. 29) afirma que somos compostos por duas substâncias, a “res cogitans” e a “res extensa” e que ambas são distintas, mente e corpo. O “Paralelismo” (TEIXEIRA, 2011, p. 41) afirma que mente e corpo não são duas substâncias diferentes e sim dois atributos diferentes da mesma substância, Deus. Esta substância “pensante” e também “extensa” é a mesma, compreendida ora como uma e ora como outra.

O “monismo” afirma que cérebro e mente é uma só coisa. Para os monistas, a mente emerge das funções cerebrais e a prova disto é uma questão de tempo, até que a ciência consiga conectar os elos entre funções cerebrais e estados mentais. Tais aspectos têm tido grandes avanços nos estudos científicos do cérebro através das tecnológicas do EEG (eletroencefalograma), da neuroimagem através dos exames PET (*Positron Emission Tomography*) e da MRI (*Magnetic Resonance Imaging*), e também por meio dos estudos de disfunções cerebrais causadas por lesões e doenças físicas degenerativas, que causam replicações de ordem psicológicas e físicas.

Na teoria monista também encontramos duas linhas de pensamento: o “monismo idealista” e o “monismo materialista”. O “monismo idealista” (TEIXEIRA, 2011, p. 27) afirma que a consciência é o fundamento de todas as coisas. O mundo material e os fenômenos mentais são criações da consciência, ela é a realidade única e criadora.

O “monismo materialista” (TEIXEIRA, 2011, p. 65) afirma que a realidade é apenas a matéria e a consciência e a mente são fenômenos originados da matéria. Ele afirma ainda que estados mentais e consciência são frutos do funcionamento cerebral. Esta teoria se subdivide em algumas teorias das quais fazemos referência à “teoria da identidade”, à “teoria do reducionismo”, à “teoria do emergentismo ou superveniência” e à “teoria funcionalista”.

A “teoria da Identidade” (TEIXEIRA, 2011, p.69) afirma que “estados mentais” são “estados cerebrais”, ou seja, cérebro e mente são uma coisa só, ou Estados Mentais = Estados Cerebrais. A “teoria do reducionismo” (TEIXEIRA, 2011, p.72) afirma que “estados mentais” são redutíveis a “estados cerebrais”, ou seja, estados mentais podem ser explicados via estudo e conversão em teorias de psicologia, posteriormente de biologia, depois em teorias químicas e finalmente em teorias de física; em suma, o princípio básico da explicação do mundo reside na física. Esta teoria tem também a denominação de “fiscalismo”, ou seja, Estados Mentais = Estados Cerebrais = Estados Físicos.

A “teoria do emergentismo” ou “Superveniência” (TEIXEIRA, 2011, p.79) afirma haver uma relação de dependência entre os fenômenos do universo e sua base física. Esta relação não se aplica só a fenômenos, mas também às propriedades dos fenômenos. Assim, para melhor entendermos, temos como exemplo que fatos e propriedades de B (de nível mais alto) emergem sobre fatos e propriedades de A (de nível mais baixo) quando:

- a) existe uma covariação entre fatos e propriedades de B e A.
- b) existe uma dependência entre fatos e propriedades de B e A.
- c) fatos e propriedades de B não são redutíveis a A.

Já a “teoria funcionalista” (TEIXEIRA, 2011, p. 124) está apoiada em três premissas básicas, a saber:

- a) a realidade dos estados mentais existe.
- b) a ideia de que estados mentais não são redutíveis a estados físicos.
- c) os estados mentais são definidos pelo papel funcional que ocupam no caminho entre input e output de um organismo ou sistema.

Numa analogia com um jogo de xadrez, podemos ter um tabuleiro de cristal ou de plástico como uma base física, o que não importa tanto, pois o que vale para o jogo são as regras e as estratégias que serão aplicadas durante o jogo.

Para o funcionalismo, a mente ocorre no cérebro ou se manifesta por via dele, mas embora a instancie, ela não é o cérebro e nem se reduz a ele.

O funcionalismo, uma teoria materialista não reducionista, tem sido de grande utilidade na área da filosofia da mente no ramo das inteligências artificiais, novas áreas da informática e da robótica, o qual questiona inclusive os nossos conceitos de inteligência, pela possibilidade de máquinas desenvolverem tarefas inteligentes, próprias da atividade mental humana. A perspectiva do desenvolvimento de atividade inteligente fora de bases biológicas ou semelhantes ao cérebro humano foi necessária para o desenvolvimento da Teoria Funcionalista.

As duas linhas de pensamento, tanto a dualista como a monista, têm seus problemas de justificação, pois se para os dualistas a mente é algo imaterial, sem conotação física, como pode então influenciar nossas ações? Como algo imaterial pode afetar algo físico?

Já para os monistas fica também difícil demonstrar como fenômenos físicos e químicos podem gerar estados subjetivos, já que estes ainda não podem ser explicados por estados cerebrais (TEIXEIRA, 2011, p. 20-21). Como sinapses e neurotransmissores podem gerar intuições, desejos e sentimentos, uma vez que mesmo tendo conexões perceptíveis em certas localizações no cérebro, estas localizações ainda não nos permitem saber a que elas se referem, a menos que o agente pensante as revele?

Além disso, temos ainda mais um problema para ambas resolverem: são os “estados de consciência”.

Como o cérebro, algo físico, consegue produzir pensamentos e os tornar conscientes? Como a mente, algo imaterial, consegue produzir no físico “estado consciente”?

Nenhuma das duas teorias consegue explicar a contento o fenômeno dos “estados conscientes”.

Assim, procuramos fazer uma síntese de parte das teorias de Filosofia da Mente, que possa dar uma noção do que já se pensou sobre o problema cérebro/mente e que possa também ter alguma ligação com o assunto sobre o qual estamos refletindo.

É claro que o que fora abordado neste capítulo são os princípios básicos das teorias e que Filosofia da Mente é um vasto e promissor campo e com certeza matéria para muito tempo de estudo, conforme afirma Teixeira em sua conclusão do livro *Mente, cérebro e cognição*, “as ciências da mente ainda estão na sua infância” (TEIXEIRA, 2011, p. 177).

No momento, qualquer teoria pode ser a verdadeira, mas a ciência por hora é monista materialista, embora não seja unânime.

A ciência tem que ser coerente com seus princípios. Cientistas acreditam no evolucionismo porque consideram que é a teoria mais coerente com aquilo que temos para explicar a natureza. Sendo assim, não pode procurar uma explicação metafísica para algo que é real, material e físico.

Esteja onde estiver a verdade sobre a questão cérebro/mente, a ciência nos levará lá? É preciso tempo, as verdades se constroem e se refazem na história humana. O capítulo primeiro destaca este aspecto da provisoriedade da verdade científica. A divergência sobre a leitura monista-dualista, apresentada neste capítulo, bem o reflete. Para nos posicionarmos neste debate, desenvolveremos no próximo capítulo uma leitura sobre o que é EQM, de modo a fornecer elementos para nos posicionarmos no debate. Ainda que o monismo seja uma

explicação possível, consideramos a posição dualista como a que dá melhor conta das situações experienciadas e relatadas no capítulo terceiro.

3 - SERÁ A EQM REAL OU APENAS UMA ALUCINAÇÃO?

Após termos efetuado uma breve síntese sobre Filosofia da Mente, neste capítulo faremos uma reflexão sobre o que é o fenômeno de EQM, de modo a fornecer elementos para nos posicionarmos no capítulo seguinte.

Não temos aqui a preocupação de fazer afirmações, mas sim de examinarmos o fenômeno tentando entendê-lo sob os aspectos de sua ocorrência, ou seja, em que circunstâncias acontecem, qual a explicação que a ciência dá ao fenômeno, o que pensam as pessoas que passaram por ele e que conclusões se podem tirar das ocorrências que possam nos ajudar a fazer uma análise em relação à filosofia da mente na visão monista e dualista.

Conforme definição da Associação Internacional para Estudos de Quase Morte (IANDS), a EQM pode ser definida como um acontecimento psicológico de grande intensidade emocional e profundidade, que abrange mais elementos do que propriamente a proximidade da morte. Podemos defini-la como uma experiência de transcendência, que vai além dos limites normais de espaço/tempo, podendo transformar a vida de uma pessoa e suas crenças¹.

Podem ser designadas como espiritualmente transformadoras, místicas ou experiências transpessoais (*The International Association for Near-Death Studies.Inc.*, 2008).

Podemos encontrar ainda outras definições de contextos mais simples como a de Van Lommel (2006), que define EQM como a memória de todas as impressões relatadas durante um estado especial de consciência, que incluem elementos como experiência fora do corpo, sensações agradáveis, a observação de um túnel, de uma luz, familiares falecidos e revisão de vida.

São definições elaboradas do fenômeno que tentam abarcar uma gama de sensações experimentadas nos eventos, mas que têm a intenção de definir o fenômeno da experiência de se sentir e se estar morto, ou preste ao falecimento e em face de que o evento não se concretiza em sua totalidade, por questões de reversibilidade do processo devido à intervenção de recursos da medicina. O indivíduo, após a recuperação, preserva a memória e uma série de sensações acontecidas durante a ocorrência de ausência de sinais vitais, o que pode acontecer também em circunstâncias em que não haja o colapso total dos sinais vitais,

¹ cf. em Experiências de Quase Morte: revisão bibliográfica do fenômeno.

mas apenas a eminência da possibilidade da perda da vida, como nos casos em que a experiência ocorre em decorrência de afogamentos, acidentes graves (geralmente de automóveis), tentativas de suicídio, asfixias, choques elétricos de alta voltagem, choques anafiláticos (em decorrência de procedimentos médicos) ou mesmo em campos de batalha com situações de alto risco à sobrevivência do indivíduo.

Ainda relacionado ao aspecto das circunstâncias das ocorrências, é relevante destacar as tipologias de experiências. Podem acontecer experiências extremamente agradáveis, com conotações de sensações celestiais (que são a maioria), ou podem ocorrer experiências desagradáveis (que são normalmente raras), com conotações de sensações infernais ou amedrontadoras e ainda experiências de elevada transcendência, com um aprofundamento em relação às sensações que ocorrem nas experiências agradáveis e que estão relacionadas à exposição a uma nova dimensão, outra realidade, fora daquilo que é possível se sentir ou imaginar no mundo físico.

Com relação às sensações que podem ocorrer durante as experiências, as percepções mais relatadas são: a experiência de um estado alterado de tempo/espaço; processos de pensamentos acelerados e uma compreensão instantânea ou em bloco daquilo no que se foca a consciência; uma sensação de paz e completude nunca antes experienciada; a sensação de sentir-se cercado por uma luz ou fazer parte dela; a sensação de estar fora do corpo e mesmo de este lhe ser indiferente; a sensação de estar em outra dimensão; de se ver um ser místico ou divino; de encontrar parentes ou pessoas falecidas; de estar no limite entre duas realidades; a experiência de uma retrospectiva holográfica da própria vida.

Estas percepções ocorrem de maneira aleatória, pois cada experiência é única e pessoal e pode englobar a maioria delas ou apenas algumas, dependendo do tipo de personalidade do experienciando, da profundidade da experiência e daquilo que lhe é relevante e que lhe marque a recordação. O que é importante para uma pessoa pode passar despercebido a outra, mas de certa forma as experiências apresentam uma linha mestra no seu desenrolar. Passar por uma experiência assim sempre deixa consequências e gera transformações na personalidade e no contexto existencial da pessoa.

No capítulo 4, que trata de relações entre Filosofia da Mente e EQM, desenvolveremos este aspecto de mudanças existenciais, que gera na pessoa que sobrevive à quase morte uma forte percepção de vida pós-morte.

Visto os aspectos referentes à definição do que é uma EQM, quais as circunstâncias que favorecem a sua ocorrência, os tipos de experiências possíveis e quais as percepções que costumam se fazer presentes, é pertinente examinarmos qual o parecer da ciência sobre tais ocorrências até o momento.

A ciência ainda não tem uma explicação definitiva sobre o fenômeno das EQM's, pois não desenvolveu ainda um método de controle sobre as ocorrências. Trata-se de um protocolo interdisciplinar, pois envolvem as áreas de medicina, de psicologia, de neurociência, de filosofia, com peculiaridades nem sempre fáceis de conciliar. Tem ainda, como agravante, o fato de que nessas ocorrências, normalmente a prioridade é salvar a vida e não fazer pesquisa, ficando assim, sempre a mercê da imprevisibilidade de ocorrências para posterior estudo de casos, o que gera grande dificuldade no campo empírico. Trata-se de uma área limítrofe que, até o momento não é possível trabalhar com protocolos programados, mas somente com ocorrências espontâneas, esporádicas e imprevisíveis. Embora muitas pessoas da área das ciências pesquisem o assunto e, apesar da dificuldade de experimentação e controle, a ciência levanta diversas hipóteses, que tentam dar conta de explicar o fenômeno.

Faremos aqui referência às diversas hipóteses sem ter, no entanto, a preocupação de suas justificações, apenas para conhecimento e, uma vez que todas resultam em suas ocorrências, na sensação de uma alucinação, para efeito argumentativo, trabalharemos com esta variável como sendo uma síntese das percepções provenientes das EQM's.

Como hipótese, as EQM's para a ciência são produto de uma alucinação produzida pelo cérebro humano pela causas a seguir citada: por falta de oxigenação cerebral, devido ao colapso físico, o cérebro na tentativa de prolongar a existência, cria a ilusão de uma sobrevivência à morte, baseada nas convicções culturais do experienciando.

Objetivamente, a EQM é apenas uma alucinação do cérebro (Parnia, 2008, p. 41-42), definido o termo alucinação neste trabalho como o sentido de qualquer tipo de alteração da percepção da realidade, como problemas de ordem física, provenientes da administração de qualquer substância química ou questões de ordem psicológicas.

Outros modelos explicativos que tentam justificar o fenômeno recebem as conotações descritas a seguir: 1) baseada na 'Expectativa', que tem como causa a imaginação do indivíduo, via crenças pessoais e culturais; 2) baseada na 'Regressão à Memória do Nascimento', o que remete à lembrança de um túnel, a uma luz brilhante e uma entrada em outra dimensão; 3) baseada nas 'Alterações dos Gases no Sangue', fenômeno proveniente da

anoxia e da hipoxia (estado de baixo teor de oxigênio nos tecidos orgânicos), causa comum em morte encefálica e que estaria relacionado com as EQM's; 4) baseada em 'Alucinações Tóxicas Metabólicas', devido à administração de medicamentos em pacientes em estados graves, o que provocaria disfunção cerebral generalizada em um cérebro já em sofrimento ; 5) baseada na 'Neuroquímica', que atribui o fenômeno a uma grande descarga de endorfina e outros neurotransmissores no cérebro nos momentos finais, o que provocaria este efeito alucinatório no cérebro em falência e; 6) baseada na possibilidade de ser apenas um sonho lúcido (GREYSON, 2012).

É evidente que estas explicações têm algum suporte científico, mas não são eficientes em explicar muitas vezes as ocorrências, quando comparadas aos relatos e situações descritas. Embora as justifiquem, nem sempre explicam todo o fenômeno.

Assim, é pertinente então vermos agora a opinião de uma pessoa que tenha vivenciado esta experiência, para que se tenha valor de ciência.

Nos relatos que encontramos disponíveis nos trabalhos de pesquisa e na literatura sobre o assunto, as pessoas que passaram pela experiência normalmente são categóricas ao afirmarem que o estado mental do experienciando é lúcido, muito mais lúcido que o normal presente no cotidiano, e que a acuidade visual e a percepção são muito mais apuradas também. Pelos relatos que tivemos a oportunidade de ler, as pessoas que tiveram uma EQM não consideram que tal experiência tenha sido uma alucinação.

Seria necessário alguém que já houvesse passado pelos dois tipos de experiência, EQM e alucinação, para se obter uma opinião baseada um critério vivencial. No entanto, não é de nosso conhecimento a existência de tal relato. O que podemos é inferir algo sobre alguns tipos de alucinações que se conhecem, como as miragens que ocorrerem nos desertos por processo de desidratação ou as miragens por alucinógenos e outras doenças.

As alucinações, embora possam parecer reais ao alucinado, são situações provenientes de alterações da percepção e que não denotam lucidez mental. Ao contrário, traduz-se confusão mental e uma diminuição da lucidez do raciocínio, o que não parece condizer com a descrição dos episódios de EQM's.

Há nos relatos de EQM's elementos que dão indícios de coerência, de equilíbrio emocional, de lucidez, o que se contrapõem à explicação de que a alucinação seja a explicação correta.

3.1 - Questões e depoimentos

Fazemos aqui alguns questionamentos pertinentes, em corroboração ao nosso ponto de vista de que a explicação de alucinação provavelmente seja um equívoco: a) Por que é normal nos relatos dos experienciados, a impressão de maior lucidez durante a experiência do que no normal de nosso cotidiano? b) Como um cérebro, com nenhum ou um mínimo de oxigenação, pode apresentar maior clareza de raciocínio, de compreensão e de lucidez do que em seu estado de equilíbrio orgânico normal? c) Como explicar a sensação de consciência que tem o experienciado como independente do corpo agonizante ou morto, fora do corpo, ciente de tudo o que está acontecendo, assistindo ao desenrolar dos fatos, enquanto o seu corpo encontra-se inconsciente e sem sinais vitais, na maioria das vezes? d) Como explicar que neste estado de consciência autônomo o relato do experienciado de que a comunicação é telepática, instantânea e que é possível saber, muitas vezes, o que as pessoas ao redor estão pensando e até sentindo? e) Como explicar que, em muitos relatos, as pessoas têm consciência de sentir cheiros, enxergar com muito mais nitidez detalhes, mais do que o normal e não terem a sensação de dor, embora muitas vezes seu corpo esteja todo quebrado e, às vezes, mal conseguindo respirar, sensação que na circunstância não se apresenta? Ainda mais, ao reentrar da consciência autônoma no físico, a sensação de sofrimento físico é instantânea. f) Como explicar o fato de pessoas cegas de nascença afirmarem poder enxergar durante suas experiências de EQM, sensação que seus cérebros não conheciam? g) Como explicar que, embora existam linhas mestras de experiências de EQM, todas são pessoais, com detalhes próprios, níveis de aprofundamento individuais, maneiras de sentir, perceber e interpretar, mas normalmente com propósitos e mensagens trazidas, com os mesmos enfoques e objetivos? h) Como explicar que muitas experiências trazem de volta cenas do futuro pelas quais estas passarão, missões às quais deverão cumprir e uma compreensão de sua experiência de vida até o momento? i) Como explicar as revisões de vida, muitas vezes acompanhada por um ser superior e que denotam o fim específico de auto-aprendizado? j) Se considerada como alucinação e que as pessoas que passaram por esta experiência são das mais variadas procedências, experiências de vida, convicções filosóficas e educação, como explicar a mensagem comum que todos manifestam de que o amor é o sentimento mais importante na vida? l) Como explicar que, “ao voltar à vida”, alguns experienciados foram capazes de relatar pormenores do processo de reanimação, os quais os próprios encarregados no processo não tinham lembranças? m) Como interpretar que geralmente as pessoas que

passam pela EQM apresentam transformações de personalidade, conceitos existenciais e objetivos de vida?

Relatamos a seguir dois depoimentos relacionados à possibilidade de contestação de alucinação das experiências de EQM, com peculiaridades específicas, sendo um com a ocorrência de um fato atípico e completamente fora do comum, que é a visão de um par de tênis em um lugar improvável e que sugere que o relato não tem nada a ver com uma alucinação, pois se trata de um objeto real e encontrava-se no local visualizado. O segundo depoimento também denota uma situação que não deveria ocorrer, que é o fato de uma pessoa cega de nascença afirmar ter podido enxergar durante sua experiência. Em princípio, se não tenho a experiência da visão, também não deveria tê-la numa experiência de EQM, pois é algo desconhecido à minha experiência cerebral. Se meu cérebro nunca experienciou a visão, como pode durante uma EQM me dar a impressão de que tenho a capacidade de ver?

Este caso foi narrado por uma assistente social, chamada Kimberly Clark, que trabalhava no Hospital Harborview, fato ocorrido com uma paciente assistida por ela, de nome Maria. (RING; EVELYM, 2001, p. 103-105).

Maria era uma emigrante que, ao visitar amigos pela primeira vez em Seattle, sofreu um grave ataque cardíaco e foi levada às pressas para a UTI do Harborview Hospital. Alguns dias depois, sofreu uma parada cardíaca, mas foi rapidamente ressuscitada.

Kimberly Clark foi designada para o seu caso e durante a conversa, Maria começou a contar a EQM pela qual passara durante a parada cardíaca.

Maria contou a história habitual de ser capaz de olhar para baixo enquanto estava próxima ao teto e observava a equipe médica trabalhando no seu corpo.

Clark que já ouvira falar em EQM's, mas não acreditava nelas e na história de Maria, ouviu com respeito fingido, mas com aparente empatia aquilo que para ela era uma narrativa fantástica.

Kimberly não acreditava em EQM, até Maria mencionar algo bastante incomum.

Neste ponto ela contou a Kimberly que não ficara apenas olhando do teto para baixo; ela também estivera fora do hospital.

Especificamente, disse, um objeto na beirada do terceiro andar da ala norte do edifício chamou a sua atenção, era um tênis na beirada do edifício. E Maria continuou descrevendo aquele tênis em detalhes minuciosos, mencionando entre outras coisas que havia uma parte rasgada no lugar do dedão e que um dos cordões estava preso embaixo do calcanhar.

No final, Maria pediu a Kimberly para que tentasse localizar aquele tênis: ela precisava, desesperadamente, saber se o vira realmente...

Quando Kimberly chegou lá (esta parte do prédio possui apenas cinco janelas) não encontrou nenhum tênis – até ir à janela do meio, e lá, sobre a beirada precisamente como Maria descrevera, estava o tênis.

Ao ouvir este caso é preciso nos perguntar: qual a probabilidade de uma emigrante, que visita pela primeira vez uma grande cidade e sofre um ataque cardíaco, sendo levada às

pressas para um hospital e tendo em seguida uma parada cardíaca, simplesmente “alucinar” ter visto um ténis – com características muito específicas, acima do local onde se encontrava o seu corpo físico?

Somente um cético ao extremo diria algo diferente de nenhuma probabilidade. Para Kimberly, a descoberta daquele ténis sobre a beirada do prédio eliminou na hora o seu ceticismo anterior a respeito das EQM’s.

O segundo depoimento foi retirado do mesmo livro (RING; EVELYM, 2001, p. 118-119). É o depoimento de Brad Barrows, um americano cego de nascença.

Brad Barrows, que tinha 33 anos quando o entrevistei, teve a sua EQM aos oito anos de idade. Ela ocorreu no inverno de 1968, quando ele morava no *Boston Center for Blind Children*.

Nesta época, Brad teve pneumonia e graves dificuldades respiratórias. Mais tarde, as enfermeiras disseram que seu coração havia parado, aparentemente durante cerca de quatro minutos e que foi necessário ressuscitá-lo.

Brad lembra que quando não conseguia mais respirar, sentiu que estava saindo da cama e flutuando pelo quarto, em direção ao teto. Ele viu o seu corpo aparentemente sem vida sobre a cama. Viu também o seu companheiro de quarto levantar da cama e sair para buscar ajuda. [mais tarde o companheiro de quarto confirmou isso]

Então, Brad se viu subindo muito rápido, passando pelos andares do edifício até ficar em cima do telhado. Nesse ponto descobriu que podia ver claramente.

Ele avalia que isto tenha ocorrido entre 06h30min e 7h da manhã. Ele observou, o céu estava nublado e escuro.

No dia anterior, houvera uma tempestade de neve e Brad podia ver neve em todo lugar, a não ser nas ruas que haviam sido limpas com máquinas, apesar de ainda estarem lamacentas. [Ele foi capaz de dar uma descrição detalhada da aparência da neve].

Brad também podia ver os montes de neve formados pelas máquinas.

Ele viu um bonde passar. Finalmente reconheceu um playground usado por crianças da sua escola e uma colina que costumava escalar.

Quando perguntei se ele “sabia ou via” essas coisas, ele disse: “Eu as visualizei nitidamente. De repente eu podia percebê-las e vê-las ... eu lembro... ser capaz de ver tão nitidamente.”

Depois que este segmento da sua experiência terminou [e foi muito rápido, disse], ele estava num túnel e saiu dele para um imenso campo iluminado por uma luz tremenda e envolvente.

Tudo era perfeito.

Brad também podia ver claramente nesta dimensão, embora tenha comentado que ficou confuso pela sensação da visão.

Ele se viu andando num caminho cercado de grama alta e também conta ter visto árvores altas com folhas imensas. Entretanto, não havia sombras visíveis.

Neste campo, Brad ouviu uma linda música, diferente de tudo o que ele já ouvira na terra. Caminhando na direção do som, encontrou uma colina, e ao escalá-la, achou uma cintilante estrutura de pedra, tão brilhante que ele pensou que estivesse incandescente.

Mas ela não estava e ele entrou nela.

Lá, a música também estava tocando e para Brad, parecia estar louvando a Deus.

Nesta estrutura, encontrou um ser que não reconheceu, mas do qual emanava um amor arrebatador. Essa entidade, sem uma palavra, gentilmente empurrou-o para trás, iniciando a reversão de sua experiência, que terminou com Brad na cama, lutando para respirar, assistido por duas enfermeiras.

Há ainda outro aspecto a ponderar, que seria o fato de uma EQM ser apenas um sonho lúcido e, portanto, transcrevemos um depoimento no intuito de exemplificar a opinião dos experienciados. Quando questionados se suas experiências poderiam ser comparadas com um sonho, estes são categóricos em afirmar que se trata de algo bem diferente. Transcrevemos então o trecho do depoimento da entrevistada cega, de nome Vicki Umiped, mãe de três filhos, deficiente visual de nascença e que ganhava a vida como pianista e cantora, tendo passado por duas EQM's. (RING; EVELYM, 2001, p. 117):

KR : Como você compararia os seus sonhos com as suas EQM's?

VU: Nenhuma semelhança, nenhuma semelhança, de maneira alguma.

KR: Você tem algum tipo de percepção visual nos seus sonhos?

VU: Nada. Nenhuma cor. Nenhuma visão de nenhum tipo, nenhuma sombra, luz, nada.

KR: De que tipo de percepção você tem consciência em seus sonhos?

VU: Sabores – eu sonho muito com comida (ela ri). E sonho que estou tocando piano e cantando, que é o meu trabalho de qualquer maneira. Eu sonho que toco as coisas..... provo coisas, ouço coisas e cheiro coisas, é isto.

KR: E nenhuma percepção visual?

VU: Não.

KR: Então o que você experienciou durante sua EQM foi muito diferente dos seus sonhos?

VU: Sim, não há nenhuma impressão visual em nenhum dos meus sonhos.

KR: Então é correto dizer que você não acha que a natureza da sua EQM é onírica?

VU: Não, ela não tinha nada de onírico. Não era nada assim.

Visto que costumam pensar as pessoas que tiveram a oportunidade de vivenciar uma EQM, que conclusões podemos tirar do aqui exposto?

As experiências são argumentos muito fortes em oposição à maneira como a ciência as têm interpretado. Como referido no começo do capítulo, a ciência não tem uma explicação convincente até o momento para a questão. Suas hipóteses são um exercício extenuante de adaptação das ocorrências aos paradigmas vigentes. Para a ciência, a sobrevivência do ser humano à morte é inaceitável. Somos produtos de uma evolução natural, um sucesso de adaptabilidade da natureza, e parentes dos primatas, que provavelmente nos precederam. Não existe espaço neste conceito para um “homem espírito”, apenas para um “homem inteligência”, que pela lei

da lógica material é apenas um corpo e ao final de sua breve existência deve retornar à energia terrestre e nada mais.

Como uma ciência que está lastreada neste princípio de verdade científica, “a evolução natural das espécies”, pode admitir que uma experiência desta espécie pudesse ser algo real?

Se a ciência admite que não seja só corpo, terá que alicerçar o conhecimento científico em outras bases que não apenas materiais; ou admitir que a religião tem razão, talvez Platão esteja certo, ou ficar em um vácuo intelectual.

Estamos diante de um novo portal para o conhecimento humano, do qual outras gerações não tiveram a oportunidade de visualizar com a clareza o que hoje a tecnologia nos proporciona, mas que traz também riscos. Porém, a curiosidade humana é incontrolável, nascemos para aprender e descobrir e não só para morrer, se é que se pode dizer que a morte exista.

De maneira resumida, vimos neste capítulo qual é a definição de EQM, em que circunstâncias ocorrem, qual a explicação que a ciência dá para o fenômeno, o que pensam as pessoas que tiveram a experiência e qual a conclusão que podemos tirar de tudo o que foi visto. No capítulo seguinte tentaremos fazer as correlações entre a filosofia da mente e as experiências de EQM, dando ênfase às duas linhas de pensamento mais presentes na maneira do pensar em nossa cultura, o monismo e o dualismo.

4 - REFLEXÕES SOBRE FILOSOFIA DA MENTE E EQM'S.

Neste capítulo faremos uma reflexão entre as linhas de pensamento da filosofia da mente, o monismo materialista, o dualismo de substância e de propriedades e as EQM's. De início, reafirmamos o objetivo deste estudo, que é fazermos uma abordagem dos conceitos de mente e consciência na visão da filosofia da mente. Em seguida, refletiremos sobre o monismo materialista e posteriormente sobre o dualismo de substância e de propriedades.

Em relação às EQM's, faremos a análise de dois depoimentos e concluiremos apresentando os motivos pelos quais nos posicionamos em favor do dualismo de substância como a teoria que melhor se adéqua à explicação das experiências de EQM.

O objetivo desta reflexão é fazer uma análise da viabilidade da teoria dualista, baseado no fato de que, nos últimos 40 anos, existe uma nova variável com relação à sobrevivência da consciência ao término da vida física, conforme parecem revelar as experiências de EQM's, sem nos remetermos diretamente ao campo espiritualista, como já afirmado na introdução.

Daquilo que vimos no capítulo sobre a filosofia da mente, é possível esquematizar em três grandes blocos: nossa mente é produto de nosso cérebro (monismo materialista) ou a mente é uma entidade e cérebro é uma máquina biológica (dualismo de substância) ou ainda, a mente emerge do cérebro, porém é uma propriedade que está além deste e não pode ser descrita fisicamente (dualismo de propriedades). Predomina, na visão científica, a corrente de pensamento que defende que consciência e mente são produtos do funcionamento cerebral. Em contraposição, no presente trabalho, tendo em vista as experiências de EQM's relatadas, encontramos fortes indícios de que cérebro e mente são aspectos independentes embora respondam e funcionem como uma unidade.

Segundo Teixeira (2011, p. 11-12), o conceito de mente estaria se tornando um conceito obsoleto, pois já não consegue dar conta dos avanços tecnológicos, uma vez que na área da robótica, o conceito de mente não expressa mais apenas a capacidade humana de raciocinar, por termos máquinas com faculdades similares a esta habilidade.

Uma definição de mente seria o estado da nossa consciência relativo ao conjunto de pensamentos gerados pelo cérebro humano, sendo o termo usado para descrever as funções superiores do cérebro, tais como pensamento, razão, memória, inteligência, emoção, etc.

Outro conceito que também nos é importante no contexto é a definição de consciência. Consciência é uma das áreas mais problemáticas da filosofia da mente e da neurociência. Balbinot e Cescon (2012) afirmam que o pensamento de Teixeira “aponta para a definição de consciência, como a unidade de processos mentais análogos aos softwares de computadores, tendo como referencial uma teoria computacional da mente, em vista de um conceito de consciência enquanto unidade de compreensão”².

Para Daniel Dennet (apud TEIXEIRA, 2011, p. 160-161), outro filósofo da mente, a consciência não está em parte alguma do cérebro, não há uma consciência com propriedades intrínsecas, com intencionalidade em si mesma. A consciência seria uma sequência de inputs e outputs, circulando informações no cérebro todo.

É preciso estar ciente de que até o momento a filosofia da mente não conseguiu chegar a uma definição unânime sobre o que é a consciência. Segundo Teixeira (2011, p. 154), existe três correntes de pensamento a respeito de consciência: os naturalistas, que acreditam poder explicar a consciência através de teorias computacionais ou através do estudo do funcionamento cerebral (são adeptos do materialismo); os não naturalistas, que têm uma opinião oposta e assumem que experiências conscientes são intratáveis do ponto de vista das teorias neurocientíficas, e que a impossibilidade de se ter uma teoria assim cria uma ruptura com o monismo materialista; os novos misterianos, que não descartam os naturalistas, mas sustentam que desvendar a consciência é um problema que está acima da capacidade cognitiva humana.

A importância destes conceitos se deve ao fato de ser esta a questão de fundo de análise: a sobrevivência de nossa consciência ao término da vida, a qual é o foco das EQM's e a aposta da corrente dualista e a sua negativa à base do monismo materialista.

Pelo exposto até aqui, o monismo materialista, uma das teorias da filosofia da mente, reconhece a existência da consciência, mas não consegue ainda explicá-la como fenômeno mental, sendo um de seus pontos vulneráveis, pois embora admita os “estados conscientes” como uma consequência do funcionamento cerebral, não consegue explicar o seu processo e dar-lhe um conceito científico.

O monismo materialista é a linha de raciocínio da filosofia da mente adotada pela ciência moderna. Este afirma que a realidade é apenas a matéria e que a consciência e a mente

² Sobre a questão conceitual, ver TEIXEIRA, 2011, p. 26.

são fenômenos originados da matéria (TEIXEIRA. 2011, p. 17). A ciência toma esta linha da filosofia da mente como a mais provável, porque tem fortes evidências de que o cérebro é a origem da mente. Mente e corpo são sincrônicos, agem e reagem como se fossem a mesma coisa, ambos interagem e se afetam mutuamente, uma vez que há registros em experiências médicas que corroboram à teoria de unicidade entre as duas substâncias.

Citamos como exemplo a questão da depressão, uma doença de ordem emocional. Pessoas maníacas depressivas profundas tendem ao suicídio se não forem medicadas, perdem o interesse por tudo, tornam-se apáticas e tendem a apresentar um nível de ansiedade fora de controle. Todo este quadro de desestruturação emocional e de personalidade por vezes pode ser resolvido com a reposição de lítio no organismo do paciente, quando a causa da crise está baseada na deficiência deste químico. Repondo-se o lítio, a depressão torna-se assintomática, podendo o paciente levar uma vida normal e produtiva. Temos uma ocorrência com todas as características de uma doença de cunho emocional, mas que tem por base uma causa material.

Ainda com relação à interação química no cérebro, diversas doenças psicológicas são controladas com fármacos psicotrópicos. Também o problema relacionado às drogas, que interfere no mental dos viciados, leva a crer que o que temos é apenas matéria. Este é mais um motivo para o monismo materialista ser a linha mestra da ciência.

Mas então, de onde vem nossa consciência? O que é ela? Nosso cérebro é capaz de produzi-la com um aglomerado de neurônios, que sejam trilhões? Matéria física pode produzir a sensação de ser, de estar, de poder? Como pode produzir nossos sentimentos, pensamentos e emoções, nosso livre arbítrio e o conceito de certo e errado?

A filosofia da mente e a ciência ainda não conseguiram explicar a consciência, como já nos referimos no começo do capítulo. Para demonstrar a fragilidade das teorias em face de algumas ocorrências e em complementação às interrogações acima enunciadas, recorreremos ao depoimento do Sr. Ricardo, o qual se encontra em anexo a este trabalho, e que transcrevemos um pequeno trecho (dos 8 até 18 min.), compartilhando uma experiência de sua vida, que é pertinente à questão conforme será demonstrado.

O Sr. Ricardo conta-nos que sofreu, em 1942, uma infecção de meningite. Naquela época, era uma doença fatal, e quando não, com probabilidades de deixar lesões de ordem física e psicológica. Após ter passado 30 dias em coma, aos 11 anos de idade, e de ser tratado com penicilina, na época medicamento de ponta, ele conseguiu sobreviver. Porém, seus olhos tornaram-se duas bolas de sangue, devido à alta temperatura que a infecção provocou na região ocular. O tratamento à base de penicilina a que o paciente se submetia era efetuado diretamente na medula espinhal com extração de líquido da mesma e aplicação do medicamento. Certo dia, no procedimento de rotina, ocorreu o seguinte fenômeno: o paciente

encontrava-se cego e deitado de bruços na cama para que o médico pudesse efetuar a punção da espinha e injetar o remédio. O pai dele estava no quarto, na porta, e o médico e a enfermeira juntos ao leito. O paciente, cheio de feridas, devido ao longo período acamado, reclamou que a enfermeira machucava-o, pois esbarrava na ferida na perna dele. O pai do Sr. Ricardo fez sinal para o médico de que ele estaria delirando por demência, casos comuns em pessoas que passavam pelo quadro de meningite e conseguiam sobreviver. O Sr. Ricardo então respondeu ao pai, dizendo que não estava louco não e que o enxergava do teto do quarto, onde os procedimentos eram realizados e que a enfermeira o machucava, pois ela estava esbarrando em suas feridas. O pai perguntou ao médico se isto seria possível e o médico respondeu que não tinha o que dizer, pois nunca vira coisa assim, pois o Sr. Ricardo estava em plena ciência de seu juízo. O Sr. Ricardo contou-lhes que, todos os dias, passeava pelo hospital “em consciência” e pediu ao pai dele que lhe providenciasse um suco de uva, que havia para vender na lanchonete da entrada do hospital, na prateleira bem acima, atrás do balcão e tal foi feito. (cf. anexo 1)

O depoimento é idôneo, tomado no ano passado, dado por pessoa conhecida, de confiança e sem problemas de ordem mental, pai de família e que teve vida produtiva em Banco durante 35 anos e que ainda encontra-se vivo.

Dado o relato acima, fica a seguinte pergunta: como é possível um desdobramento neste nível se o cérebro e a mente forem uma só coisa? É possível uma pessoa com os olhos inutilizados, em situação física delicadíssima, produzir um fenômeno de enxergar do teto o ambiente, falando no leito em que estava deitado abaixo, dando detalhes do que estava ocorrendo no ambiente, em plena faculdade mental? A ciência tem possibilidade de explicar um fenômeno deste?

Para explicar um fenômeno como o desta descrição, seria necessário que o cérebro, algo apenas físico, pudesse ter a capacidade de atuar em dois espaços diferentes e simultâneos, pois o paciente se encontrava consciente. Embora não visse pelos olhos, era capaz de enxergar de outra perspectiva, fora da dimensão de seu corpo físico, mas falava e raciocinava aparentemente do ponto de referência de seu corpo. Poder-se-ia afirmar que este seria um processo de despersonalização ou dissociação, mas estas são situações de enfermidades mentais, o que não ocorreu com o paciente. Sua mente funcionava normalmente e continua normal até os dias de hoje.

Para a ciência, por não poder explicar tal ocorrência, considera-a anômala e desprezível, pois não se enquadra nos paradigmas vigentes. Os parâmetros de ciência atuais não conseguem explicar o ocorrido, não resolvem a questão. Assim, o problema continua em suspenso.

O mesmo acontece com as EQM's, já que existem inúmeras ocorrências que os padrões atuais da ciência não conseguem explicá-las. É evidente que para se ter alguma racionalidade na explicação, o lógico seria admitir haver uma separação das substâncias cérebro (físico) e consciência (mental) que de certa forma nos permitam perceber uma coerência do vivenciado no depoimento. Mas, atualmente, esta possibilidade não existe, não é pensada pelo monismo materialista esta possibilidade, pois isso seria o mesmo que admitir a superação da teoria.

Neste caso, a questão deixa de ser fenomenológica, de ser a constatação da realidade e passa a ser uma questão de princípios, já que não se enquadra naquilo em que a ciência afirma. Cabe bem aqui a crítica à dialética do esclarecimento, formulada por Horkheimer e Adorno, em 1947, no exílio nos Estados Unidos: “O iluminismo- movimento intelectual europeu do século XVIII (considerado o século das luzes), que se apoiava na racionalidade científica – libertou o ser humano do misticismo, mas o acorrentou à razão” (SANTOS, 2000, p. 87).

A afirmativa desses pensadores ajuda a justificar o que ocorre em relação as EQM's, isto é, estamos aprisionados e engessados à maneira de ver o mundo a nossa volta racionalmente e às vezes esta racionalidade não dá conta de explicar os fatos. Frente a ocorrências como estas, a crença da ciência de que cérebro e mente seja a mesma substância e que o ser humano é apenas matéria apresenta-se inconsistente como explicação.

Como já citamos no primeiro capítulo sobre a Verdade na Ciência, segundo Thomas Kuhn, ocorrências como as EQM's fragilizam os paradigmas estabelecidos. Começa-se a ter problemas para justificar a realidade dos fatos. Tem-se como exemplo a verdade do heliocentrismo, que levou 200 anos para ser admitida como teoria vigente. A mudança de paradigma é um processo histórico, social e político ao mesmo tempo e, geralmente, ocorrem em gerações. Este é um processo emocional e não só de conhecimento. Provavelmente, as pessoas que vivenciam uma mudança de mentalidade não a percebiam, pois ela vai acontecendo no decorrer do tempo e vai se firmando na mentalidade da sociedade como novas verdades, num processo assimilativo.

Vivemos tempos de desenvolvimento científico acelerado, a ciência contemporânea tem feito o máximo esforço para entender a natureza dos fenômenos mentais, por meio do estudo do funcionamento cerebral dos seres vivos, exatamente por que acredita que o cérebro

e mente é a mesma substância. Entretanto, a experiência acima relatada questiona esta posição, apontando para uma viabilidade do dualismo.

O dualismo é representado na figura de Descartes e apesar das dificuldades existentes em sua teoria, como a questão da ligação entre o físico e o mental, que ele afirmou ocorrer através da glândula pineal, mas não explicou como, ou do efeito das drogas sobre a mente e certas doenças, conforme citamos anteriormente, ainda não perdeu a perspectiva de que possa estar correto ao menos em parte, pois não se pode até agora provar que mente e cérebro é uma só coisa.

Segundo Teixeira (2011), embora rejeitado pela ciência atual, o dualismo ainda é o horizonte da cultura ocidental, visto que nossos costumes e linguagem estão impregnados de manifestações dessa teoria. O autor externa o seguinte a respeito do futuro de tal teoria:

É difícil dizer alguma coisa acerca do futuro do dualismo. Além de Thomas Nagel, David Chalmers que possuem teorias próprias e o filósofo Karl Popper e o neurocientista John Eccles que juntaram esforços para defender esta posição no livro 'O eu e seu cérebro', o dualismo é uma filosofia sem agenda. Tudo o que podem fazer é nos convencer de que mente e cérebro tem propriedades incompatíveis. (TEIXEIRA, 2011, p.106)

É evidente que esta é a opinião de um filósofo da mente e que não compartilhamos deste pensamento. Mesmo dentro da filosofia da mente temos filósofos como Thomas Nagel, F. Jackson e David Chalmers que postulam o dualismo de propriedades, a qual afirma ter o cérebro a capacidade de produzir propriedades físicas e também mentais ou estados subjetivos. Esta teoria contorna a questão de que alterações físicas no cérebro resultam em alterações na mente. Há uma conexão causal entre mente e cérebro. Porém, para os dualistas de propriedade, os estados subjetivos e estados de consciência não são explicáveis em nível físico, ou seja, estão para além das propriedades físicas. Então, o dualista de propriedades difere do fisicalismo, pois acredita que as propriedades mentais não são passíveis de serem reduzidas ao físico e até o momento esta afirmação vem se sustentando.

Contudo, a afirmação do dualismo de propriedades de que estados subjetivos e de consciência não podem se originar de nenhuma característica física do cérebro, por estarem além dele ou não serem redutíveis a ele, temos uma fragilidade da teoria, pois esta afirmação infere que, na natureza, qualquer elemento do mundo natural pode produzir uma mente. Assim, cairíamos em um pansiquismo, o que corresponde a dizer que no mundo tudo poderia produzir ou instanciar uma mente, desde que não difira dos elementos presentes no cérebro.

Se a ciência não conseguir algum dia encontrar a conexão entre cérebro, estados subjetivos e consciência, provavelmente terá que admitir uma causa metafísica para explicá-los.

Vemos então que nenhuma teoria é completa e blindada a questionamentos, pois todas apresentam pontos coerentes e pontos vulneráveis, mesmo o monismo materialista que explica tudo a partir do cérebro, também é questionado pelas ocorrências de EQM's e pela explicação do que é consciência e estados subjetivos.

Examinaremos rapidamente as propostas de Thomas Nagel e David Chalmers, pois são os principais dualistas de propriedades na atualidade.

Thomas Nagel afirma que além das experiências de estados subjetivos e conscientes não poderem ser explicados fisicamente, elas são intransponíveis enquanto experiências. A experiência de uma terceira pessoa não é cognoscível a primeira pessoa e cita como exemplo que, por mais que um ser humano possa imaginar e estudar a vida e biologia de um morcego, jamais conseguirá saber o que é ser um morcego, esta experiência é intransponível, podemos imaginar, mas saber não.

Do caráter intransponível da experiência da terceira pessoa para a primeira, deduz-se que a experiência pessoal é única e privada, o que reforça a ideia da impossibilidade da descrição fisicalista do mundo. Na filosofia da mente, esta impossibilidade da inescrutabilidade da experiência ou de elementos subjetivos, dá origem ao conceito de "qualia". Os qualias inferem na existência de elementos da experiência humana que são inescrutáveis e incomunicáveis mesmo entre seres humanos. Resumindo, os qualias não são descritos pela linguagem intersubjetiva sobre a qual se assenta a ciência: "É possível se deduzir então, que nas experiências subjetivas existe algo mais do que um conjunto de condições físicas que as proporcionam, ou seja, apontariam para a existência de algo não físico e inescrutável" (TEIXEIRA, 2011, p. 96).

Nagel também argumenta que a noção de EU como individualidade se contrapõe ao fisicalismo, pois se o "EU" fosse apenas um estado físico, poderia haver no mundo algum outro "EU" idêntico a mim e que mesmo sendo idêntico, não seria "EU" e sim outro, então os estados mentais e cerebrais não seriam os mesmos, o que derruba a ideia da identidade mente/cérebro.

Vejamos agora alguns aspectos do pensamento de David Chalmers. Chalmers também desenvolveu uma teoria dualista, baseada no fato de que é impossível formular um conceito

que explique plenamente como um sinal cerebral pode dar origem a um estado consciente. Ele sugere que uma teoria da consciência deve partir da noção de experiência subjetiva e da consciência, para o estudo do assunto. Sua teoria rejeita o reducionismo e o fisicalismo (conceitos definidos no capítulo sobre filosofia da mente), mas é uma teoria compatível com a visão científica do mundo atual, pois é uma teoria naturalista, que afirma ser o universo uma rede de entidades básicas que obedecem a um conjunto de leis. Esse autor criou o termo “hard problem”, que é o problema da experiência. “Quando pensamos, existe um tipo de processamento de informação, mas também há um aspecto subjetivo envolvido. Se não conseguirmos explicar a natureza deste aspecto subjetivo, nunca entenderemos o que é a consciência, afirma Chalmers” (TEIXEIRA, 2011, p. 100). Verificar referência.

É preciso ficar claro que tanto a teoria de Nagel como a de Chalmers, embora admitam um dualismo, e aceitem que existam aspectos no processamento cerebral que não podem ser explicados fisicamente, não possuem a mesma visão que a do dualismo cartesiano. Elas não admitem um princípio e nem um fim metafísico às teorias e são maneiras mais elaboradas de se explicar o mundo apenas materialmente, conforme os padrões aceitos pela ciência moderna.

Ora, se as teorias monistas e dualistas não conseguem explicar como funciona o processos mentais ou estados subjetivos e a consciência e suas conseqüentes conexões e interações, então todas as teorias tem posições vulneráveis. A definição entre acreditar numa linha ou noutra é apenas uma questão de aceitação dos paradigmas básicos, da inserção nos meios acadêmicos e científicos e perspectivas científicas futuras. No momento, a balança pende para o monismo, pois vivemos o paradigma da evolução das espécies, mas esta crença já foi o oposto.

A filosofia da mente e a neurociência tem encontrado grande dificuldade de dar respostas a estes aspectos em seus estudos, mesmo apesar de todo o avanço tecnológico que conseguimos efetuar até hoje. Talvez o estudo das EQM's seja a melhor maneira que no momento possuímos para entender a relação cérebro/mente/consciência.

Como afirmado no capítulo anterior, as EQM's geralmente ocorrem em processos de proximidade da morte. Na maioria destes casos, devido às circunstâncias, não é possível haver um controle efetivo da função cerebral por meio de Eletroencefalograma (EEG), quando as funções elétricas do cérebro acusam uma linha plana, indicando morte cerebral. Porém, em ocasiões especiais dentro de uma UTI, onde é possível ter o paciente monitorado, e nos casos

em que este apresente uma EEG plana e que, após procedimentos de reanimação, em que este paciente preserve faculdades como memória, visão das circunstâncias do momento do ocorrido, procedimentos efetuados, tempo gasto nestes procedimentos e outros detalhes, reforça-se o ponto de vista dualista sobre a questão de onde se localiza a faculdade de consciência humana. Uma morte cerebral monitorada cientificamente não comporta as capacidades cerebrais de formação de pensamentos, sentimentos, consciência e memória.

Naturalmente, experiências neste campo vêm ocorrendo, mas em números reduzidos. É preciso maior análise de casos para se firmar uma nova visão a respeito do assunto ou mais tempo de ocorrências.

Cientificamente falando, não deveria haver presença de consciência de maneira alguma. Como então podemos afirmar as descobertas de pesquisas de EQM? Como afirmou o Dr. Van Lommel: “Como pode uma consciência clara fora do corpo de uma pessoa ser experienciada no momento em que o cérebro não funciona mais durante o período de morte clínica com o EEG com ondas planas”. [...]

De um ponto de vista científico, estudar a mente humana no ponto de morte psicológica, quando o fluxo sanguíneo global e, por conseguinte, as funções cerebrais tornaram-se prejudicados é atualmente o melhor e possivelmente o único método de se estudar a relação entre o cérebro e a mente. Se a consciência estiver verdadeiramente presente durante este tempo, então isto levanta uma questão interessante. Se a mente e a consciência são produtos de atividade cerebral, então é esperado que elas cessem o funcionamento nesta hora, ou na melhor das hipóteses, logo depois. (PARNIA, 2008, p. 223-224.)

Poder-se-ia levantar a hipótese de que este tipo de alucinação ocorreria antes do colapso total do cérebro ou então após a sua reativação. Como explicar a memória constante da pessoa durante todo o tempo da experiência, inclusive acompanhando todo o processo de reanimação?

Os relatos não dão conta de lapsos de tempo e memória. Geralmente, quando a pessoa se apercebe, já fora do corpo, não sabe como chegou lá, e o estado consciente é constante, por mais metafísica que a descrição possa ser.

De qualquer maneira, esta tarefa do conhecimento humano não está nas mãos da filosofia, mas sim da medicina e/ou talvez em parte da psicologia. À filosofia cabe apenas as indagações e conjecturas.

Há dentro das EQM's dados aos quais é possível a verificação empírica, num contexto de pesquisa científica, ou seja, é possível analisar como verídico os relatos de reanimação descritos pelos pacientes enquanto estes se encontram em coma profundo ou com paradas

cardíacas em processos de reanimação. Nessas ocasiões em que nada deveria ser percebido ou registrado conscientemente, contra todas as possibilidades, às vezes, trazem de volta à ocorrência, após se recuperarem.

Outro aspecto são as mudanças de personalidade que geralmente ocorrem nas pessoas que tem uma EQM e que podem ser analisadas. Embora não corroborem como provas da veracidade das experiências, denotam uma profunda mudança na maneira de sentir e ver a vida, o que nos leva a crer que há nestas experiências algo bem mais complexo que uma mera alucinação ou deficiência operacional do cérebro.

Como exemplo da primeira possibilidade, gostaríamos de transcrever aqui um caso ocorrido com o Dr. Richard Manfield, um cardiologista conhecido do Dr. Sam Parnia, que lhe relatou uma experiência pessoal de um paciente, no qual efetuou o processo de reanimação. Por ser um relato muito extenso, apresentaremos apenas alguns pontos, em síntese pessoal.

Certa noite, o Dr. Richard foi chamado no hospital para uma emergência de parada cardíaca em um paciente de apenas 32 anos.

Quando se aproximou do paciente, observou que ele não tinha pulso, não respirava e estava em parada cardíaca.

O paciente já estava entubado, mas não respondia aos procedimentos de emergência.

Este recebeu ciclos regulares de oxigênio e pressão no peito a cada 3 minutos, além de adrenalina e atropina; mesmo assim, não respondia ao processo de reanimação.

O procedimento perdurou pelo prazo de 30 minutos. Após esse período, os médicos começaram a achar que haviam perdido o paciente, pois já havia decorrido muito tempo. Porém, por ser tratar de um jovem, prolongaram as tentativas por mais um tempo antes de desistirem.

Antes de pararem, no entanto, o Dr. Richard checkou mais uma vez se o monitor e as conexões estavam ligados adequadamente e se o paciente, de fato, não tinha pulso.

Após deixarem a sala, Dr. Richard foi sentar-se próximo à sala das enfermeiras para preencher os registros médicos e nesse preenchimento percebeu que não se lembrava de quantas vias de adrenalina lhe havia sido administradas. Então, 15 minutos mais tarde, retornou à sala de cirurgia para checkar. Dentro da sala, checkando o material, percebeu que o paciente falecido não estava tão azulado como quando o havia deixado a pouco; estava mais rosado, o que era estranho. Por precaução, resolveu verificar se este tinha pulso e, ao examiná-lo, sem acreditar no ocorrido, observou que o paciente agora tinha pulso. Assim, recomeçaram os procedimentos de reanimação até estabilizá-lo.

Após uma semana, depois da melhora em seu quadro, o paciente retorna à enfermaria. Ele tinha se recuperado plenamente e, aparentemente, não apresentava sequelas devido ao longo período de reanimação.

Para espanto do Dr. Richard, o paciente, ao vê-lo, lhe contou que tinha visto tudo de cima e descreveu em detalhes absolutamente tudo o que havia acontecido, inclusive o que os médicos haviam dito durante o processo.

Tal espanto do Dr. Richard se devia a que o relato ocorrera da forma precisa e correta. Isso deveria ser impossível, pois o paciente, inclusive, foi dado como morto por falta de sinais

vitais e ainda permaneceu 15 minutos sem assistência nenhuma. Dr. Richard afirmou ter certeza de que checkou os monitores, os cabos, o ganho (termo médico usado para checar se as ondas cerebrais eram realmente planas) e as conexões, assim como o pulso do paciente antes de parar as intervenções.

Para o Dr. Richard, trata-se de um fenômeno que não tem explicação (PARNIA, 2008, p. 101-103).

O Dr. Sam Parnia conhece o Dr. Richard e atesta a sua idoneidade, afirmando que acredita no ocorrido por ser o testemunho de um médico sério, competente e de confiança. Fatos como este são raros, pela perspectiva de controle existente na ocorrência e por ter acontecido em ambiente passível de um bom controle. Esse fato não é o único em termos de excepcionalidade de circunstância. Há outras descrições de casos fora do comum e existe literatura sobre o assunto, o que a despeito de todas as variáveis envolvidas estarem determinando um desfecho, o mesmo não acontece como o previsto para o normal do caso.

Com relação ao processo de transformação na personalidade das pessoas que experimentam o processo de EQM, é importante notar que são vivências tão marcantes e de tão forte impacto, que são capazes de implementar mudanças de comportamento e características de personalidade nas pessoas que por ela passam.

É preciso ter sempre em mente que cada experiência é única e pessoal, cada pessoa valoriza, interpreta e sente à sua maneira. Entretanto, apesar dos componentes pessoais trazidos destas experiências, podemos perceber um contexto comum. Os relatos permitem visualizar um mesmo propósito. Os depoimentos obtidos dos entrevistados por Kenneth Ring (2001), geralmente descreveram mudanças em suas escalas de valores existenciais, alterando em suas personalidades a importância que atribuíam e atribuem, após a EQM, aos valores a seguir relacionados:

Valorização da vida – a vida passa a ter um significado muito mais especial, sendo importante a vida do dia a dia, as pequenas coisas, as alegrias momentâneas e o poder majestoso da natureza.

Autoaceitação – altera-se a autoestima para melhor, aparece um sentimento de valor próprio. Com frequência, a insegurança, a timidez e a necessidade exagerada de agradar os outros é substituída por um sentimento de autoconfiança e sociabilidade.

Consideração pelo outro – surge uma preocupação e necessidade de ajudar aos outros e tratar-lhes com respeito e consideração.

Respeito pela vida – há um amadurecimento do sentimento de respeito pela vida, não só humana, mas também animal, em todas as formas, um respeito, na verdade, pela natureza.

O antimaterialismo – a vida pautada por valores materiais passa a ser considerada supérflua e sem sentido.

Anticompetitividade – o importante não é vencer e sim participar. Ser importante ou impressionar perde o sentido, deixa de ser objetivo. O amor é mais importante que as realizações.

Espiritualidade – cresce um sentimento de espiritualidade, não no sentido de religiosidade, mas num sentido de universalidade, de congregação do ser humano.

Busca do conhecimento – por vezes, floresce uma grande necessidade de conhecimento, de saber, e que tende para um aprofundamento espiritualista. Procura-se viver conforme aquilo que vivenciaram na Luz e mesmo adquirir conhecimento, pois é a única coisa que se mantém.

Propósito de vida – desenvolvem um sentimento de que a vida é importante e há nela um propósito sagrado que deve ser buscado.

Medo da morte - tendem a perder por completo o medo da morte.

Crença em Deus - costumam ter a certeza de que Deus existe, embora muitas vezes não usem a palavra Deus, mas sim “A Luz”, mesmo aqueles que eram ateus.

Percepção mental ampliada – algumas pessoas desenvolvem certa sensibilidade paranormal ou mesmo dons de cura, por vezes sensações de expansão da consciência.

Baseado no contexto de toda a reflexão do trabalho, existem argumentos para refutarmos os raciocínios mecanicista/materialista, em face de tudo que pudemos ver a respeito das linhas de pensamentos da filosofia da mente e das experiências de EQM's. Apesar de toda a racionalidade do monismo materialista, é muito provável que a verdade esteja com o dualismo. Os relatos de EQM's constantes no capítulo três deixam claro que as ocorrências nada têm a ver com alucinações, já que no primeiro depoimento tratava-se da constatação de um objeto visto durante a EQM e que realmente existia no local visualizado, o que demonstra ser a visão de algo real.

O segundo episódio se refere à visão de uma pessoa cega de nascença, a qual afirma ter enxergado durante sua EQM. Esse argumento que se contrapõe fortemente à teoria de que nossa mente é produto de nosso cérebro, pois não faz sentido a possibilidade de visão de um cego durante a experiência, sendo que seu cérebro não tinha a vivência do que é a faculdade de enxergar.

O terceiro depoimento, também de uma pessoa cega de nascença, contesta a possibilidade de que a EQM seja um sonho lúcido, como se pode argumentar, fato que é esclarecido pela depoente, pois além de ter enxergado durante a EQM, afirma que a experiência nada tem a ver com sonhos. O depoimento transcrito do DVD, em anexo, tem força de testemunho, questiona os limites do conhecimento humano com relação às possibilidades existenciais, pois não sabemos explicar o que ocorreu, como ocorreu e quais as bases para tal ocorrência. Entretanto, o fato se encontra existente, questionando os limites do entendimento científico atual e a dimensão do homem como ser apenas material.

O relato de reanimação, efetuado pelo Dr. Richard Manfiel, nos demonstra que a despeito do que nos pode dizer a ciência sobre a capacidade de nosso cérebro, há indícios em fatos da ciência, à parte das experiências de EQM's, que nos dão conta de que os acontecimentos, mesmo quando estão sob nosso controle, isto é, sempre aparente, pensamos que controlamos, mas por vezes escapa ao controle, pensamos saber, mas nossa verdade é provisória, acreditamos que enxergamos, mas nem sempre vemos o que é.

Apenas para exemplificar, retomo aqui à vivência de reanimação efetuada por mais de 30 minutos, nos quais a equipe médica lutou para trazer de volta o paciente de 32 anos e não conseguiu. Checou-se a aparelhagem antes de encerrar os procedimentos e visto que o paciente foi dado como morto, e que ficara 15 minutos sem assistência, Dr. Richard ao voltar à sala para conferir os medicamentos administrados, o médico percebe que o paciente retornou à vida espontaneamente.

Todos os depoimentos falam por si em relação ao centro da questão que estamos examinando. Não seria necessária muita argumentação a respeito da perspectiva de ser a consciência uma substância separada da matéria. As experiências são em si dualistas, mas existem outros aspectos ainda a serem ponderados em reforço a esta tese.

A seguir elencamos os motivos pelos quais estamos defendendo a realidade da teoria dualista, baseado em toda a argumentação dos conteúdos anteriores.

As verdades científicas são paradigmas instituídos pela comunidade da ciência e são transitórias. Aceitar um paradigma não o determina como verdadeiro, mas sim como uma verdade científica, o que poderá no futuro, ser superado, conforme exposto no primeiro capítulo.

Todas as teorias filosóficas que explicam a natureza do mental apresentam pontos coerentes e pontos vulneráveis, motivo pelo qual temos diversas linhas de pensamentos que tentam abordar os problemas de diversas maneiras. Não existem teorias certas ou erradas, mas sim que se ajustam melhor ou pior aos problemas que tentam explicar.

A filosofia da mente e a neurologia ainda não conseguem explicar cientificamente o que são estados subjetivos e o que é consciência, estes são “hards problems” que não permitem ainda invalidar a possibilidade do dualismo de substância.

O problema de comprovar como uma substância imaterial pode interagir com o físico, questão sem solução do dualismo substancial, não é maior nem menor do que a dificuldade que o monismo materialista enfrenta para explicar o processo mental e o que é consciência.

A redução da consciência a estados cerebrais, que são processos físico-químicos, é o mesmo que reduzir estados psicológicos como emoções, raciocínios e *insights* a fenômenos físicos. Estas faculdades de conotação psicológicas são imateriais; podem até prescindir de um correlato físico/químico, mas não são materiais, não são palpáveis, não são físicas. Por isso, o mental tem a perspectiva de não se equiparar ao material. Uma vez que temos propriedades físicas que não tem a capacidade de se expressarem em propriedades mentais, por que são materiais, temos também a possibilidade de as propriedades mentais, que são imateriais e por isso podem sim ser autônomas à base física, embora estas só possam se expressar em circunstâncias normais em interação.

O dualismo, desacreditado para a ciência de hoje, apresenta a seu favor uma nova variável, que são as ocorrências de EQM's, para a qual a ciência encontra dificuldades em explicar, colocando-as sob suspeita. Porém, as EQM's são aspectos atualíssimos no campo do saber. Essas ocorrências só passaram a serem constatadas pelo avanço científico nos últimos 40 anos e questionam os conceitos vigentes.

Todos os episódios relatados no presente trabalho demonstram fortes evidências de que a interpretação dada pela ciência às ocorrências de EQM não correspondem à realidade dos fatos. Essas experiências denotam clareza de raciocínio, equilíbrio mental e emocional,

apontando a perspectiva de que a consciência é autônoma ao cérebro e que a realidade provavelmente não se reduz à dimensão apenas material.

As explicações científicas e filosóficas da pós-modernidade, por tudo o que foi relatado, mostram que é mais importante o ajuste dos fatos aos paradigmas vigentes, do que a constatação de que certas ocorrências não conseguem ser explicadas por eles. Esta situação fica bastante evidenciada quanto às teorias dualistas de propriedades que, embora admitindo uma propriedade imaterial no processo mental, não tem a prerrogativa de admitir uma causa metafísica.

A questão da sobrevivência da consciência humana é uma crença planetária, seja nas culturas mais sofisticadas da história humana ao longo de seu desenvolvimento, seja nas mais primitivas e rudimentares. Uma crença que é planetária, não pode ter seu princípio baseado apenas na invenção humana de um povo para explicar suas origens e seu fim. Há algo a mais nesta ocorrência, que não se explica apenas como uma necessidade humana de fundo psicológico. Algo que nos remete a uma cognição intuitiva, como uma certeza que brota de dentro, daquilo que o homem é, e não pode ser desprezada como sem significado.

Citamos ainda a questão das revisões de vida, que por vezes, ocorrem com os experienciandos, o que é um fator preponderante em suas alterações de personalidade, pois quando ocorrem, tem um sentido de aprendizado, de ensinamento e não de julgamento.

Na vivência, eles sentem as consequências das atitudes tomadas em sua vida, na emoção de quem sofreu as consequências dessas atitudes, em uma perspectiva tridimensional, como se estivessem assistindo a um filme sobre elas mesmas, numa velocidade fora de nossa dimensão de tempo e com uma compreensão fora de nossa capacidade normal humana, por vezes, acompanhadas de um ser, sentido como superior.

Estes são alguns aspectos específicos para se dar uma justificativa de que a mente humana cria tais circunstâncias, ainda mais se levarmos em consideração que são ocorrências de certa frequência. É preciso abrir mão do senso de racionalidade e probabilidade em favor da possibilidade de uma explicação dentro dos parâmetros vigentes.

Ainda em relação ao aspecto acima referido, é de se esperar que algumas pessoas possam desenvolver certos padrões de experiências similares, mas ao se constatar que tal fato ocorre em culturas diferentes, com todos os tipos de pessoas, independentemente de crenças, pois as ocorrências são similares em crentes e em ateus, em letrados e incultos, fica difícil

aceitar certo padrão nas ocorrências, como produto de um mecanismo de defesa do inconsciente humano.

Só quem passou por uma experiência destas tem condições de avaliar e julgar se o que vivenciou é real, por mais estranha ou incoerente que sua história possa parecer.

Geralmente, a partir de determinado nível, as experiências são extradimensionais e necessariamente não estariam sujeitas aos padrões de lógica, racionalidade e física, aos quais estamos vinculados em nossa existência terrena.

Finalizando nossa argumentação, tomamos a liberdade de colocar como fechamento uma declaração de Carl G. Jung, renomada personalidade mundial do universo da psicologia, e que experimentou também uma EQM por ocasião de um infarto que sofrera. Em uma carta à psiquiatra e psicóloga analítica Kristine Mann, em 01.12.1945, Jung³ relata o ocorrido.

Embora o terapeuta não tenha efetuado uma análise fenomenológica do ocorrido consigo, considerou a experiência como verdadeira, e se impressionou muito com ela. Ele fez um depoimento extremamente intrigante e que vale a pena ser lido. Deste, podemos destacar a afirmação abaixo, que bem fecha este capítulo.

“A morte é o que há de mais duro quando vista de fora e enquanto se está fora dela. Porém, uma vez dentro, experimenta-se tal sensação de completude, de paz e de realização, que não se quer voltar”. (JUNG, Letters, vol. 1, *apud* DOORE, 1990, p. 96).

³ Experiência de Quase-Morte: A Viagem da Transformação

CONCLUSÃO

O trabalho teve como objetivo discutir as EQM's como ocorrências que apresentam elementos de experiências reais, em contraposição à interpretação da ciência, de que seriam produtos de uma disfunção cerebral ocasionada por causas diversas.

Primeiramente, tem a intenção de, firmando convicção sobre esta ótica, defender a sobrevivência da consciência após a morte, abordando a análise pela via do fenômeno, apesar das limitações inerentes,

Em segundo lugar, tem a intenção de questionar a posição materialista/mecanicista da ciência atual. Não tem uma preocupação espiritualista na sua avaliação e nem teve o intuito de fechar todos os argumentos, mas sim fazer uma análise através da filosofia da mente, com base na teoria dualista substancial, como sendo a mais adequada para a explicação do fenômeno e como a mais viável na defesa deste ponto de vista.

Ressaltamos que aqui estão colocadas de maneira sucinta as principais ideias a respeito do assunto que tínhamos a intenção de abordar. Ressaltamos ainda que se trata de uma área muito nova, pois só chamou a atenção dos meios acadêmicos e científicos após a publicação do livro do Dr. Raymond A. Moody Jr., *Vida depois da Vida*, em 1975.

No capítulo primeiro, tivemos a oportunidade de questionar o conceito de verdade para a ciência. Este é um aspecto relevante para o ponto de vista que tínhamos a intenção de abordar em relação às verdades que nos são postas e que determinam de certa forma a nossa maneira de ser e ver o mundo. O intuito do capítulo foi demonstrar que o conceito de verdade, em termos científicos, é sempre algo construído por consenso e é sempre transitório, sujeito a mudanças, conforme avançam nossos conhecimentos. Também defende que a maneira de interpretar o mundo está muito relacionada a uma visão da realidade, mais emocional do que racional, mesmo no meio científico. Tal referencial é que está delimitado pelos paradigmas vigentes e não necessariamente pelo que a realidade nos apresenta.

No capítulo segundo, fizemos uma leitura sobre a filosofia da mente, mostrando os pensamentos possíveis aceitos pela ciência atual. Procuramos, de uma maneira resumida, colocar as principais correntes de pensamento existentes nesta área do conhecimento, a que se alinham ao monismo e ao dualismo, tentando dar uma visão geral e resumida para o contexto que está relacionado ao nosso estudo.

Cientes das bases filosóficas existentes no campo da filosofia da mente, fizemos, no capítulo 3, uma reflexão sobre o que são os episódios de EQM's, e desenvolvemos o capítulo examinando o fenômeno, tentando entendê-lo sob os aspectos de sua fenomenologia, ou seja, em que circunstâncias acontecem, qual a explicação que a ciência dá ao fenômeno, o que pensam as pessoas que passaram por ele e que conclusões se podem tirar das ocorrências, no intuito de que possam nos ajudar a fazer uma análise em relação à filosofia da mente na visão monista e dualista.

Munidos, então, destas informações dos capítulos precedentes, decorremos, no capítulo 4, a uma análise entre filosofia da mente e EQM, procurando buscar conectar as reflexões feitas nos capítulos anteriores. Defendemos a visão de que o dualismo de substância é a linha de pensamento que mais se enquadra às ocorrências de EQM.

Fica explícito no conteúdo de todo o trabalho que acreditamos existir na realidade do mundo físico algo a mais do que aquilo que podemos perceber pelos nossos sentidos. Esta crença é respaldada pelas ocorrências de EQM's, que apontam para a superação da limitação empirista da ciência, demonstrando que a dimensão humana é mais do que matéria e o contexto da existência é mais do que evolução.

Concluimos, apresentando as razões para tal tomada de posição, acrescentando, no entanto, que apesar de todas as evidências, reconhecemos que esta é uma posição em contrário ao que acredita o universo científico. Temos, porém, a nosso favor, uma variável nova que os filósofos e cientistas de outras gerações não tiveram a oportunidade de conhecer e prospeccionar, pois se o tivessem, talvez os conceitos vigentes fossem outros.

Estamos diante de um novo portal do conhecimento humano. Quatro décadas não é nada em termos de história e conhecimento. Nesse sentido, fazemos uma aposta na intuição e racionalidade do espírito humano e no desenvolvimento do seu saber. O tempo nos dará novos fundamentos. Por hora cabe acreditarmos mais em nosso potencial intuitivo e observacional.

Ainda assim, pelos argumentos expostos, consideramos que o dualismo é real e é a teoria que mais se aproxima de uma justificativa racional para as ocorrências de EQM's. Estas experiências podem se transformar em um atalho no auxílio para solução deste aspecto do desconhecimento humano, sobre a relação entre cérebro/mente/consciência, sendo também **UMA VIA PARA DEMONSTRAR A SOBREVIVÊNCIA DA CONSCIÊNCIA À MORTE.**

REFERÊNCIAS

BRINKLEY, Dannion. **Salvo pela luz**: a história real de um homem que morreu duas vezes e as revelações que teve. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

DOORE, Gary (org.). **Explorações contemporâneas da vida depois da morte**. São Paulo: Cultrix, 1990. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=H7yJv9m8gQEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 01 out. 2012.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Experiência de Quase-Morte: A Viagem da Transformação. Disponível em:
www.henriquefernandes.com.br/artigo%20EQM%20Paula%20Roscio.pdf. Acesso em: 01 out. 2012.

Experiências de Quase Morte: revisão bibliográfica do fenômeno. Porto: 2009. Disponível em: Pt.scribd.com/doc/57790075/Experiencias-de-Quase-Morte-Revisão-Bibliografica. Acesso em: 01 out. 2012.

GREYSON, Bruce. Experiências de quase-morte: implicações clínicas. **Rev. psiquiatr. clín.** São Paulo, 2012 [vol. 34 supl.1, São Paulo, 2007]. Disponível em
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832007000700015&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700015>.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

MOODY JR., Raymond A. **A luz do além**. Rio de Janeiro, RJ: Nórdica, 1989.

MOODY, Raymond A. Jr. **Vida depois da vida**: o que acontece quando uma pessoa morre? Rio de Janeiro, RJ: Nórdica, 1979.

PARNIA, Sam. **O que acontece quando morremos**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

POPPER, Karl R. **Conjecturas e refutações**. Brasília, UnB, 1982.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Historia da filosofia**: do humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus, 2004.

RING, Kenneth. **Rumo ao ponto ômega**: em busca do significado da experiência de quase morte. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RING, Kenneth; EVELYM, Elsaesser. **Lições da luz**: o que podemos aprender com as experiências de proximidade da morte. São Paulo: Summus, 2001.

RITCHIE, George G. **Voltar do amanhã**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980,

SANTOS, Roberto E. **As teorias de comunicação**: da fala à internet. São Paulo: Paulinas, 2000.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Como ler a filosofia da mente**. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Anexo 1 – DVD de depoimento